

a.obra.nasce

revista.de.arquitetura.e.urbanismo.da.universidade.fernando.pessoa

10



ficha técnica

Título

A OBRA NASCE
revista de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Fernando Pessoa
nº10, dezembro de 2015

Edição

edições Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto
Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269
edicoes@ufp.pt | www.ufp.pt

Direção

Álvaro Monteiro (Diretor da Faculdade de Ciência
e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa)

Conselho de Redação

Luis Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

Coordenação Científica

Sara Sucena (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Conselho Científico

Antonella Violano (Facoltà di Architettura "Luigi Vanvitelli"
della Seconda Università degli Studi di Napoli)
Avelino Oliveira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Clovis Ultramari (Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná)
Conceição Melo (Mestre em Projecto e Planeamento do Ambiente Urbano FRUP/FEUP)
João Castro Ferreira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Luís Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Paulo Castro Seixas (Professor Associado no ISCSP – Universidade de Lisboa)
Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Sandra Treija (Vice-Dean of the Faculty of Architecture
and Urban Planning of Riga Technical University)
Sara Sucena (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Teresa Cáliz (Professora Auxiliar na Faculdade
de Arquitectura da Universidade do Porto)

Composição

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

ISSN

2183-427X

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

Desdobramento, Síntese e Reinterpretação: A Pré-Existência no Contexto da Reabilitação*

Outspread, synthesizing and reinterpretation: pre-existence within the rehabilitation context

Soraia Lopes Rodrigues, MESTRANDA EM ARQUITETURA E URBANISMO
Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa
28968@ufp.edu.pt

João Ferreira, ARQUITETO
Professor Auxiliar, Faculdade de Ciência e Tecnologia
da Universidade Fernando Pessoa
CEAU-Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
jferr@ufp.edu.pt

RESUMO

O presente trabalho oferece uma análise e reflexão sobre o tema “Desdobramento, Síntese e Reinterpretação: a pré-existência no contexto da reabilitação” recaindo sobre o papel que desempenha o pré-existente e ainda a importância, atitude e princípios por parte dos arquitectos na transformação de edifícios pré-existentes na circunstância do reabitar do espaço.

O objectivo centra-se em interpretar a fusão e o diálogo das diferentes linguagens arquitectónicas, entre o novo corpo adicionado e o pré-existente, que resulta numa ambiguidade, não como resultado de uma imperfeição mas sim como essência da definição da própria obra.

Através deste estudo procura-se compreender a complexidade desta união que gera uma nova unidade. Procura-se dar nota de como as novas formas arquitectónicas adicionadas, dividem com a pré-existência, a responsabilidade do resultado entre ambas as partes, do significado, cumplicidade e o diálogo que manifestam no seu conjunto, tendo consciência que é de grande relevância não ocultar ou ignorar as potencialidades do pré-existente.

PALAVRAS-CHAVE

Pré-existente, Adição, Desdobramento, Sintetização, Reinterpretação

1. INTRODUÇÃO

O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se aiosamente e produtivamente; vale muito, mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios. [Távora, 2006, p.13]

O presente trabalho tem como tema “A pré-existência no contexto da reabilitação”, nela se pretendendo discutir a atitude e os princípios de alguns arquitectos na transformação de edifícios pré-existentes num novo espaço e ainda perceber qual o papel que a pré-existência desempenha neste conjunto.

ABSTRACT

This study provides an analysis and reflection on the theme “Outspread, synthesizing, reinterpretation: the pre-existence in the context of rehabilitation” falling on the role played by the pre-existent and yet the importance, attitude and principles by architects in transforming pre-existing buildings relapsing a return to live the space.

The objective focuses on interpreting the fusion and dialogue of different architectural languages, between the new body and added the pre-existent, resulting in ambiguity, not as a result of imperfection but as the essence of his own work setting.

Through this study seeks to understand the complexity of this union that creates a new unit. Wanted to note how new architectural forms added share with the pre-existence the responsibility of the result between the two sides, of meaning, complicity and dialogue that manifest as a whole, knowing that it is of great importance not hide or ignore pre-existing strengths.

KEYWORDS

Pre-existence, Addition, Outspread, Synthesizing, Reinterpretation

O motivo que levou à escolha deste tema prende-se com o facto de se ter vindo a assistir frequentemente a um afastamento dos centros históricos e aldeias por parte da população, fruto da existência de edifícios devolutos, abandonados e sem condições de habitabilidade, tal situação provoca no Homem um estado de sensibilidade, desafiando-o a proteger e, de certa forma, a manter a sua história, ou pelo menos, a manter a sua memória¹. Torna-se preponderante a atitude por parte dos arquitectos, que se traduza numa atitude consciente em face destes casos. [Fernandes, 2004]

Será interessante analisar o conceito de reabilitar e tentar perceber o seu significado, uma vez que existe um aumento de procura e interesse por parte da população na recuperação de casas ou lugares. Será o termo reabilitar o ter-

mo mais correcto para definir a prática que temos vindo a assistir? Será reabilitar? Renovar; recuperar; reocupar; reconverter; reinterpretar; transformar, entre outros, serão sinónimos desta prática ou estamos perante termos e atitudes diferentes quando nos encontramos perante uma pré-existência?

Hoje em dia a reabilitação resulta num grande ênfase, pois verifica-se uma maior sensibilidade por parte das pessoas para reabilitar. Há uma procura do “velho” que traz consigo um acumular de histórias e memórias tornando assim a pré-existência algo com muito valor não só em termos de matéria² como no seu potencial criativo. “Sem a Memória não há objecto de reflexão e não pode haver Eu consciente” (Abreu, 2007, p.4).

O homem tem a necessidade de ir à procura de um abrigo, entende-se por abrigo como sinónimo de protecção, um espaço com capacidade de responder a várias exigências que pode ser renovado ou transformado com o objectivo de tornar ou manter esse espaço habitável.

“A «casa» põe em relação o eu, o aqui e o agora. A partir dela, oriento-me no espaço: parto todos os dias de minha casa para, depois, a ela regressar. Não a casa como uma coisa, mas a casa como morada, como construção simbólica no espaço. Porque, nessa medida, a minha casa é um depósito de memórias e expectativas.” (Jorge, 2007, p.94).

Pretende-se com o presente artigo estruturar um raciocínio lógico e coerente, de forma a distinguir as várias formas de reabilitar e reabitar um espaço, e perceber como diferentes arquitectos, em variadas circunstâncias, se relacionam com a pré-existência e ainda perceber qual a relação/diálogo entre o novo corpo adicionado e o pré-existente.

Para a realização deste artigo foi feita uma pesquisa de obras de reabilitação. Após a recolha de informação, foi possível concluir que existem vários tipos de reabilitação, o que permitiu agrupar os distintos tipos de reabilitação, analisá-los e compará-los.

Tomando como casos de estudo um conjunto de obras de reabilitação de arquitectos portugueses seleccionados, a

seguinte proposta prevê o seu estudo e na sua respectiva análise, tendo como finalidade cruzar a informação recolhida, de modo a dar resposta às seguintes questões: quais as diversas vertentes para reabilitar um edifício; qual a relação do arquitecto com a pré-existência; e qual a atitude, preocupação e ferramentas utilizadas por cada arquitecto. Pretende-se ainda identificar eventuais semelhanças e diferenças entre as intervenções dos vários arquitectos determinar até que ponto um espaço que foi desenhado e projectado numa outra época, com outros ideais/princípios, pode ser transformado num outro espaço, tendo usos e funções diferentes “Só quando somos capazes do Habitar, podemos nós construir.” (Heidegger, 1954, p.12).

Quando estamos perante uma pré-existência é importante ter noção dos limites para além da barreira física que são as quatro paredes de uma casa, isto é, quando estamos perante uma pré-existência para além das variadas condicionantes físicas, há também condicionantes a nível do programa que outrora terão respondido a outros usos e funções, o que traz uma bagagem de condicionantes e pontos de partida para a sua reabilitação. É fulcral ter noção que o edifício não é eternamente elástico.

O espaço é por natureza ilimitado, invisível e intangível, dependendo a sua conformação da manipulação intencional do limite do desenhado, construído ou percebido. O espaço só é compreensível e avaliável na expansão contida ligada à percepção dos limites ou das barreiras materiais que o confrontam. A arquitectura vê-se assim, como a arte de delimitar e conformar o espaço habitável (Pinto, 2007, p.21).

2. DIÁLOGO ENTRE O ANTIGO E O NOVO

Reconversão: gerar um lugar no que parecia ser um mero desperdício. É preciso sonhar mais os espaços. Como vamos sonhando estas páginas. São o lugar que criámos. Com os nossos instrumentos, referências e vontades. Um lugar que evoluirá no tempo e nas palavras. (Jordão, 2002, p.02)

Na renovação de um edifício onde o uso/função será diferente do pré-existente é necessário ter em conta que o novo programa seja compatível com o edifício existente,

sendo exequível e funcional e ter a consciência que o edifício não é elástico. "Respeito e fidelidade ao passado dos lugares e das comunidades que os planearam mas também encarada como [processo] de inovação. [Choay, 2008]

Torna-se pertinente perceber se um edifício criado para uma função específica pode ser transformado para uma função distinta, tendo a consciência dos factores condicionantes e, de certa forma, estimulantes, que possam concretizar essa transformação. "O passado também pertence ao presente e não pode dele ser separado" (Távora, 1993, p.34). No seu âmago a pré-existência é muito mais que um limite físico para o projecto, um vez que pode ser estimulante, acabando por desafiar o arquitecto e levá-lo a questionar uma nova forma de habitar para esse espaço. Com este novo uso/função há a necessidade de reorganizar todo o espaço, o que obriga a uma adaptação do novo face ao pré-existente que é sempre um processo delicado, dado que toda a dinâmica gerada entre o pré-existente e o novo irá influenciar e ser influenciado.

[...] é impossível repetir-se a bela arquitectura de uma era passada; torna-se falsa e pretenciosa quando as pessoas já não podem viver de acordo com ela. [Rasmussen, 2006, p.2-3]

Quando nos referimos a "reabilitar" ficamos limitados ao físico, esquecendo um pouco que este também está relacionado com a paisagem, o lugar e o Homem. Quando um edifício sofre uma alteração, seja ela qual for, a ligação deste com a paisagem também sofre uma alteração, ficando fragilizadas as memórias e a própria essência do lugar. Afirma-se, neste sentido, a ideia de Genius Loci³ [Norberg-Schulz, 2009].

Podemos dizer que, por numerosas que sejam as tempos e os espaços em que se fala do lugar, é pela impossibilidade de ser outra coisa, que é deste lugar que se refere, e a sua essência nos permite identifica-la, nomeá-la e distingui-la de imediato de todo e qualquer outro lugar [Alves, 2007, p.7].

Quando nos encontramos perante uma reabilitação e sua consequente adaptação à pré-existência é importante ter a consciência que se irá estabelecer uma relação entre o

antigo e o novo. É de facto trabalhoso compatibilizar o passado e o presente. Caberá ao arquitecto reconhecer as potencialidades da pré-existência que dialoguem com a nova arquitectura proposta. "Nesta simbiose imposta está implícito o facto de o interesse suscitado pela obra do presente se repercutir sobre a obra antiga, estimulando assim uma dialéctica." [Choay, 2008, p.232].

Neste diálogo constante entre o passado e o presente o objectivo a alcançar é o equilíbrio. Neste processo podemos observar vários tipos de abordagem: o contraste⁴ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura adicionada, que se pode traduzir tanto na diferença de materiais e consequentes técnicas de construção, como em aspectos formais da composição, forma e dimensão da adição; a adaptação⁵ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura, a qual se pode traduzir na integração ou na tentativa de fundir o novo com a pré-existência, transparecendo-se numa certa continuidade visual; e a reinterpretção⁵ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura adicionada, em cuja abordagem o novo prevalece e assegura a sua identidade, afirmando-se, em face da pré-existência, como uma unidade única e independente.

Na génese do seu próprio desenvolvimento, existe adição tanto na formação e desenvolvimento das aglomerados urbanos, como nas transformações dos edifícios ao longo dos tempos. A história da arquitectura como a conhecemos vive do confronto entre construção e destruição, sendo de referir a adição apenas em relação ao que se constrói de novo [Rebolo, 2001, p.78].

Quando nos encontramos perante pré-existências é importante fazer referência ao património. Para tal temos como base alguns documentos importantes à cerca deste tema que foram elaboradas ao longo do tempo, das quais irão ser enunciados dois deles: a Carta de Atenas e a Carta de Veneza.

Desde a elaboração da Carta de Atenas e do Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) em 1933 que a acção de restauro tem como foco que seja clara a leitura do que é o "novo" e o "antigo". A tentação de utilizar os mesmos materiais para assegurar uma continuidade de lingua-

gem, numa camuflagem do “novo” com o “antigo”, pode traduzir-se numa falsificação pois não estamos perante elementos reais da pré-existência mas sim uma tentativa de aproximação à pré-existência, que não é de todo real. Ficou então estabelecido que o “novo” deverá aparecer distinto do “antigo”, tendo o cuidado de não se deixar confundir com uma falsa pré-existência e de não destoar no seu conjunto. Le Corbusier, um pouco na esteira do que Hausmann fizera, considera exclusivamente a preservação de peças de excepcional valor artístico, sem consideração do respectivo entorno, que seria “novo” e em que se inseriria (a peça excepcional) por contraste.

Portadoras de uma mensagem espiritual do passado, as obras monumentais dos povos constituem actualmente o testemunho vivo das suas tradições seculares.” (II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos, 1999, p.1).

Como um documento de importância seminal na discussão e definição de políticas de preservação patrimonial, a Carta de Veneza menciona que não é só para ter em consideração o edifício excepcional, mas sim o edifício e a sua envolvente, os tecidos urbanos, o conjunto. O significado ligado à identidade é relevante, a memória das pessoas associada a um local específico, a uma função.

Enquanto com a Carta de Atenas está presente a assunção da ruptura entre o “novo” e o “antigo”, na Carta de Veneza não se coloca tanto a questão da intervenção do “antigo”; o único que era recomendado era um restauro no sentido estrito de manter, sendo o “antigo” uma espécie de intocável. Assim sendo, na Carta de Veneza não falamos isoladamente do “antigo”, não falamos de um objecto só, falamos em tecidos, em cidades inteiras. Nesta carta são enunciados alguns princípios no que diz respeito à intervenção no património: a importância dos tecidos – pois por vezes não há um objecto excepcional mas sim um conjunto de objectos e situações; a importância do planeamento dos espaços públicos torna-se muito importante, não tanto do património; a reversibilidade – haver sempre a possibilidade de voltar atrás, de a intervenção ter a possibilidade de ser retirada, ser reversível; legibilidade da intervenção – deixar visível que aconteceu uma intervenção, assumir a intervenção,

tendo ela de ser ostentativa. Estas três ideias/princípios aparecem com a Carta de Veneza: tecidos, reversibilidade e legibilidade da intervenção.

Analisando este tema com foco no âmbito da Arquitectura, verificamos que a atitude de muitos arquitectos perante a reabilitação de uma pré-existência é, em grande parte, a de contrastar a arquitectura pré-existente com a nova arquitectura adicionada através de técnicas de construção recentes, materiais como o vidro e o aço, assumindo assim um papel contemporâneo da intervenção e assumindo, deste modo, a autenticidade da pré-existência.

Numa reabilitação, perante a presença de pré-existências, existe a necessidade de dar continuidade da sua história, que respeita a sua natureza em termos compositivos, espacial e material, sem sacrificar a sua intervenção. “Renegar o novo por ser novo equivale a sacralizar o passado e negar à contemporaneidade sua própria história” (Riegl, 2013, p.110).

3. DISCUSSÃO E COMPARAÇÃO DOS CASOS DE ESTUDO

Os elementos destinados a ocupar as falhas existentes devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história. (II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos, Carta de Veneza, artigo 12º)

Para uma melhor análise do tema em estudo, foram criados três grupos, sendo cada um deles constituído por dois casos de estudo, à excepção do último que tem na sua constituição três casos de estudo.

Os casos de estudo foram agrupados em virtude da sua aproximação de intervenção, tendo como base o mesmo conceito/princípios. A criação de grupos teve como objectivo verificar que nos encontramos perante três tipos de intervenções diferentes dentro do tema reabilitação.

Nas obras escolhidas estamos perante transformações de pré-existências, no entanto todos os casos têm um pon-

to em comum em relação ao conceito inicial, pois partem de pré-existências que são reconvertidas em “lugares para habitar”. Este estudo procura perceber o processo projectual perante os diversos contextos de cada obra, sendo de realçar não só a importância em estabelecer diálogos entre a contemporaneidade e a tradição, mas também o interesse em estudar as diversas especificidades intrínsecas à reconversão de usos. É nas formas, e nos espaços neles gerados, que nos encontramos com as emoções que por vezes nos indicam referências e recriam imagens, como se o espaço tivesse memória.

Ao invés de exacerbar a dicotomia novo/antigo, ao modo da cultura vigente, Távora quer continuar – inovando, a que significa definir a essência, ou as essências, do edifício e projectá-las de novo, acrescentando aquilo que for necessário. (Figueira, citado por Bordalo, 2004, p.46).

As pré-existências foram trabalhadas de maneiras diferentes por cada arquitecto. Todavia, em todas o objectivo era o de transformar as pré-existências num “abrigo” embora mantendo a sua própria essência⁷. É este o grande desafio de trabalhar com pré-existências. “O trabalho das gerações passadas confere aos edifícios que elas nos legaram um carácter sagrado. As marcas que o tempo imprimiu sobre elas fazem parte da sua essência” (Morris, citado por Choay, 2000, p.130).

Após a análise de cada caso de estudo através de desenhos rigorosos (plantas, cortes e alçados), imagens de cada obra e esquemas virtuais de autoria própria elaborados para cada obra, foi criada uma tabela para cada um deles, respectivamente. O objectivo desta tabela tem o intuito de resumir a análise feita em itens no que diz respeito ao pré-existente, ao novo e ainda o diálogo entre o novo e o pré-existente. Esta análise vai à procura de perceber qual a atitude dos arquitectos perante as pré-existências e o diálogo que é criado entre ambos.

Todos os três prevaletentes ‘ismos’ da arquitectura envolvem a nostalgia, uma doença que envolve a memória – o modernismo, uma nostalgia pelo futuro; o pós-modernismo, uma nostalgia pelo passado; e o contextualismo, uma nostalgia pelo presente. (...) Todas as três memórias – fu-

tura, presente, passado – têm as suas sombras, a perda de memória. Talvez devamos agora aprender a esquecer. (Eisenman, citado por Batista, 2007, p.11)

4. DESDOBRAMENTO

[...] acredito que esta relação – entre antiga e nova arquitectura – o vínculo, amplamente entendida, passa por um uso sábio ainda que contrastado dos materiais e das formas, e não através de uma relação mimética ou de adaptação. (Gracia, 1992, p.134)

O grupo 1 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa em Alenquer do Arq. Aires Mateus e Casa dos Cubos da Embaixada dos Arquitectos.

Nos esquemas apresentados podemos fazer uma análise do pré-existente (cor cinza) e o novo elemento adicionado (cor preta).

Na Casa em Alenquer temos como pré-existente (Fig.1.) as paredes de duas casas em ruína e as suas respectivas aberturas, as quais foram mantidas e restauradas. E temos como novo corpo adicionado (Fig.2.) um volume em forma ortogonal constituída por dois pisos com os respectivos vãos.

Na Casa dos Cubos temos como pré-existente (Fig.3.) uma casa de armazenamento e contagem de produtos agrícolas da qual não houve aproveitamento do seu interior, uma vez que da casa somente ficaram as paredes exteriores e a cobertura. Temos como novo corpo adicionado (Fig.4.) um corpo orgânico constituído por três pisos, sendo os vãos pertencentes ao pré-existente.

Na Casa em Alenquer o limite criado pelo volume da habitação é ampliado pela forma como é trabalhado enquanto espaço limite. Podemos perceber que o pré-existente é trabalhado como um limite que divide dois espaços, o interior e o exterior, havendo uma ligação entre estes dois espaços, sendo ela o jogo e cruzamento de perspectivas através dos vãos (Fig.5.). A fachada é constituída por paredes de grande espessura onde existem pontualmente aberturas transmitindo a sensação de um interior subtil e delicado. O espa-

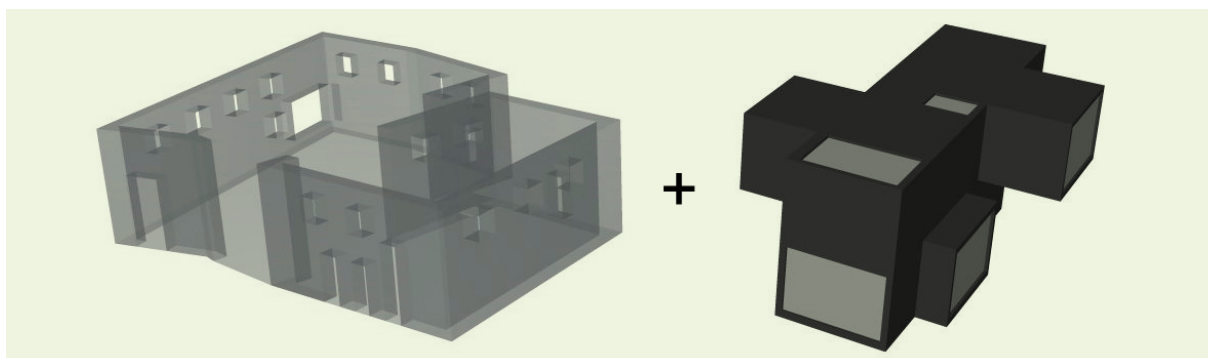


Fig. 1. Representação 3D da Casa em Alenquer – Pré-existente + **Fig. 2.** Representação 3D da Casa em Alenquer – Novo volume adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

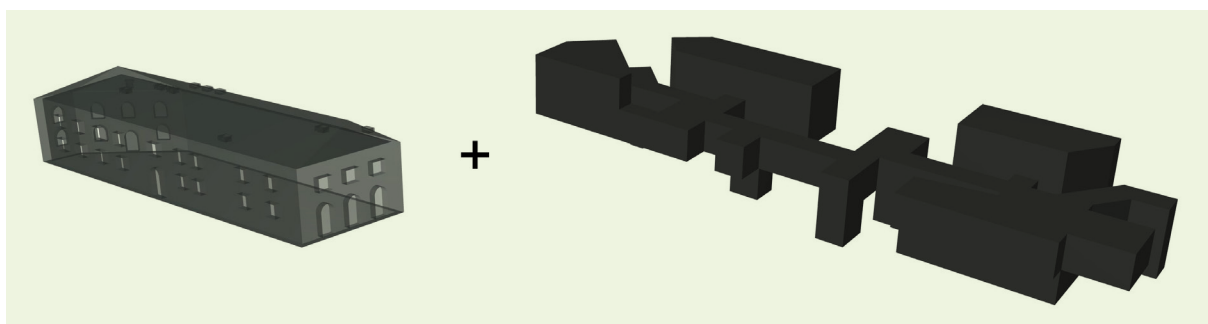


Fig. 3. Representação 3D da Casa dos Cubos – Pré-existente + **Fig. 4.** Representação 3D da Casa dos Cubos – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues



Fig. 5. Planta de implantação – Casa em Alenquer.

Fonte: (Re)habitar, Outra forma de recuperar la memória, Casa em Alenquer, AIRES MATEUS. (2011). [Em linha]. Disponível em <http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/otra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html>. [acedido em Março de 2014]

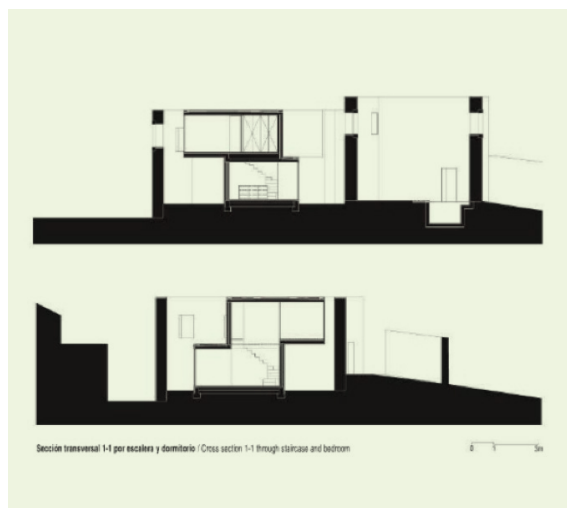


Fig. 6. Corte vertical pela habitação e pela entrada principal – Casa em Alenquer

Fonte: (Re)habitar, Outra forma de recuperar la memória, Casa em Alenquer, AIRES MATEUS. (2011). [Em linha]. Disponível em <http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/otra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html>. [acedido em Março de 2014]

ço e a distância entre o pré-existente e o novo originam a compreensão da tensão criada pelos dois tempos presentes nesta obra (Fig.6.)

Na Casa dos Cubos nasce no seu interior um novo corpo arquitectónico que percorre todo o espaço disponível (Fig.7.). Este corpo adicionado cria uma nova série de lugares e situações programáticas, não só nas áreas desta estrutura anatómica como também nas áreas criadas entre o novo e o pré-existente (Fig.8.). Este corpo encontra-se pontualmente com a pré-existência nas aberturas de luz, sendo todos os vãos pertencentes ao pré-existente.

Na Casa dos Cubos o pré-existente não nos transmite o que acontece no interior, já na Casa de Alenquer através do pré-existente conseguimos ter percepção do que acontece no seu interior. Nesta o novo afasta-se do pré-existente, na Casa dos Cubos existe uma espécie de pele e só no interior é que acontece esse afastamento, através do desenho do novo corpo arquitectónico adicionado.

Os desenhos da volumetria e dos vãos são distintos em ambas as obras, sendo que na Casa em Alenquer a planta organiza-se numa malha ortogonal que procura manter o paralelismo com um dos dois lados da pré-existência, assumindo um desenho ortogonal. O desenho dos vãos, sendo eles os do pré-existente, apresenta uma transparência conseguindo-se através dela ter percepção do novo interior, como que de uma casa dentro de uma casa.

Na Casa dos Cubos o pré-existente funciona como um limite para o desenho do seu interior tendo o novo corpo o desenho de uma estrutura anatómica. No desenho dos vãos podemos perceber que foram aproveitados e recuperados do pré-existente sendo que tal geometria não afecta o desenho do interior, pois o novo corpo vai ao encontro dos vãos.

Na Casa em Alenquer o arquitecto utilizou os limites do pré-existente como se fossem os limites do terreno e não como os limites para o desenho do projecto. Dentro dessa área de limites de construção antiga desenvolveu-se, por um lado, um conceito de uma casa que tivesse espaço exterior livre e amplo e, por outro, uma habitação. Usou-se o limite da construção antiga como limite de implantação do novo projecto.

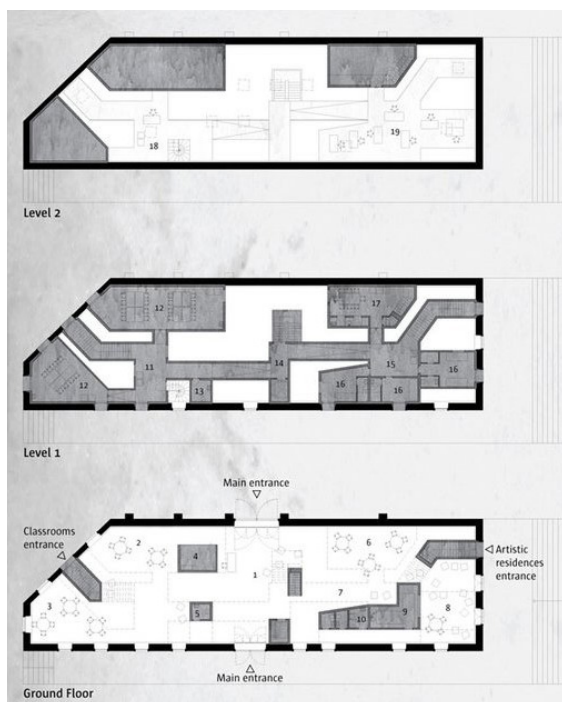


Fig. 7. Plantas do piso rés-do-chão, piso 1 e piso 2 – Casa dos Cubos

Fonte: Archdaily (2012) [Em linha]. Disponível em <http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura>. [acedido em Março de 2014]

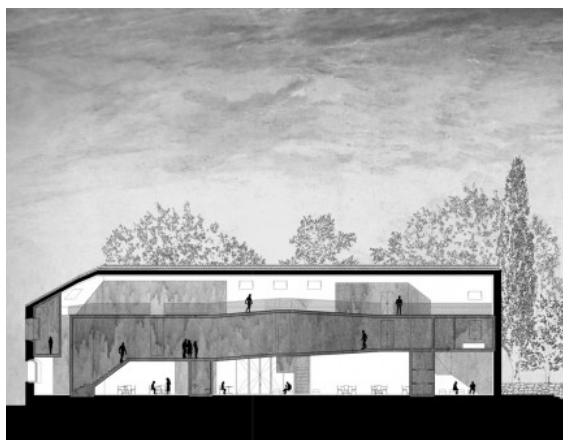


Fig. 8. Corte transversal – Casa dos Cubos

Fonte: Archdaily (2012) [Em linha]. Disponível em <http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura>. [acedido em Março de 2014]

Em ambos o novo afasta-se do pré-existente: a Casa em Alenquer marca fisicamente um distanciamento entre a pré-existência e o novo, e a Casa dos Cubos tem uma ligação directa quando o novo corpo se encontra com o pré-

-existente para as aberturas de luz, sendo todavia toda a estrutura anatómica independente do pré-existente.

Quando nos encontramos perante uma reabilitação, normalmente o primeiro pensamento seria o de tirar o máximo partido do pré-existente e trabalhar nos limites do mesmo. O conceito neste caso não é esse, pois rompe o que é mais comum no que toca à reabilitação. Perante o pré-existente, este foi encarado como um limite do terreno com base num conceito e num programa que não ocuparia toda a área. O pré-existente foi gerador do desenho (das aberturas e alinhamentos), ou seja, foi este limite que configurou o desenho, configurou a forma e toda a organização do projecto.

No Casa em Alenquer o novo corpo adicionado fechou-se, não se agarrou à pré-existência, afastou-se e criou um paralelismo com uma das fachadas do pré-existente. Os vãos do pré-existente vão ao encontro dos vãos do novo

corpo adicionado. O projecto foi desenvolvido dentro dos limites do pré-existente encarando-o como os limites do terreno (Fig.9.). Na Casa dos Cubos o novo corpo adicionado encostou-se aos limites do pré-existente para ir ao encontro das aberturas de luz e criou-se no seu interior uma orgânica de espaços livres sendo iluminados através do pré-existente (Fig.10.).

Quando analisamos o pré-existente da Casa em Alenquer observamos que ambas as casas se encontravam em ruínas e tinham só como ponto de partida para esta reabilitação as oito paredes das casas; transmitia ainda uma transparência para o seu interior através dos vãos. O pré-existente é-nos apresentado através de um volume contido, cujas fachadas intactas e respectivas coberturas se encontram intactas. De salientar igualmente que a geometria dos vãos apresenta um jogo interessante no seu conjunto.

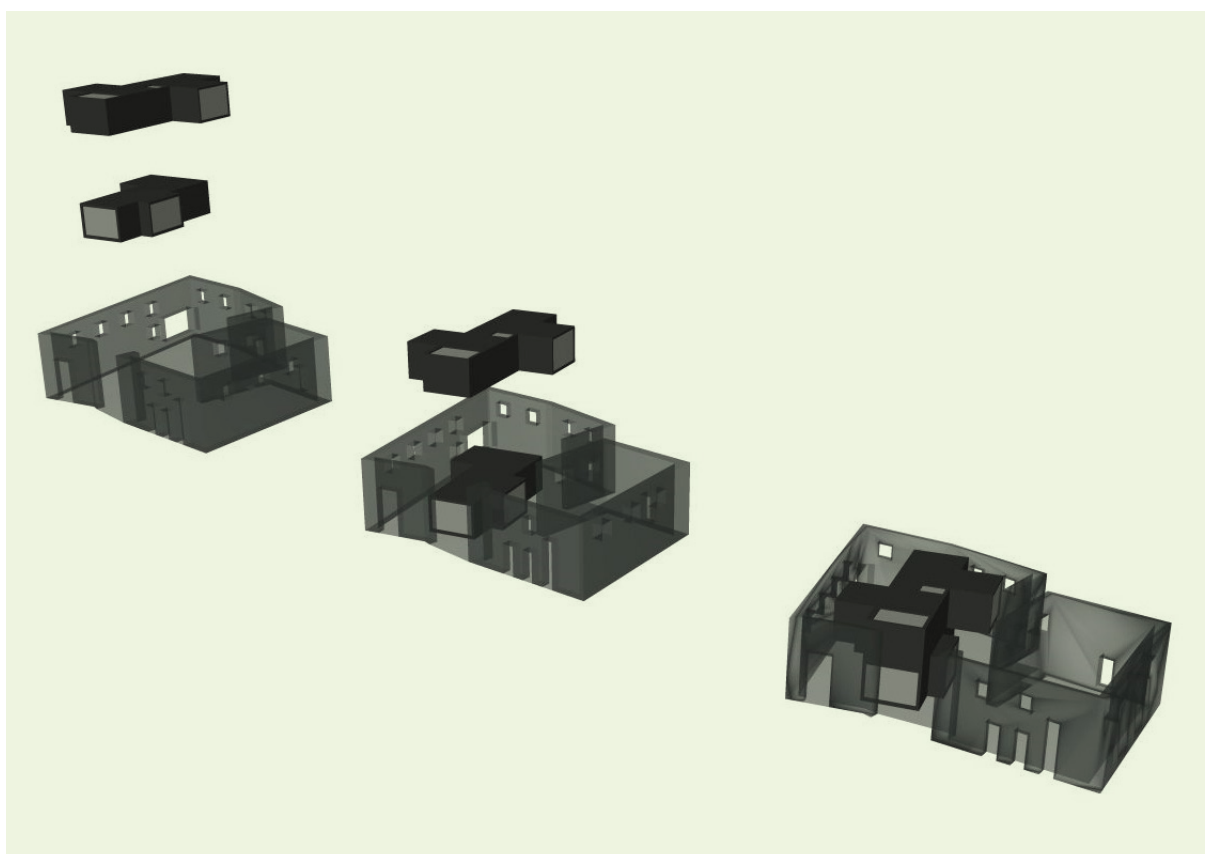


Fig. 9. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente - Casa em Alenquer

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

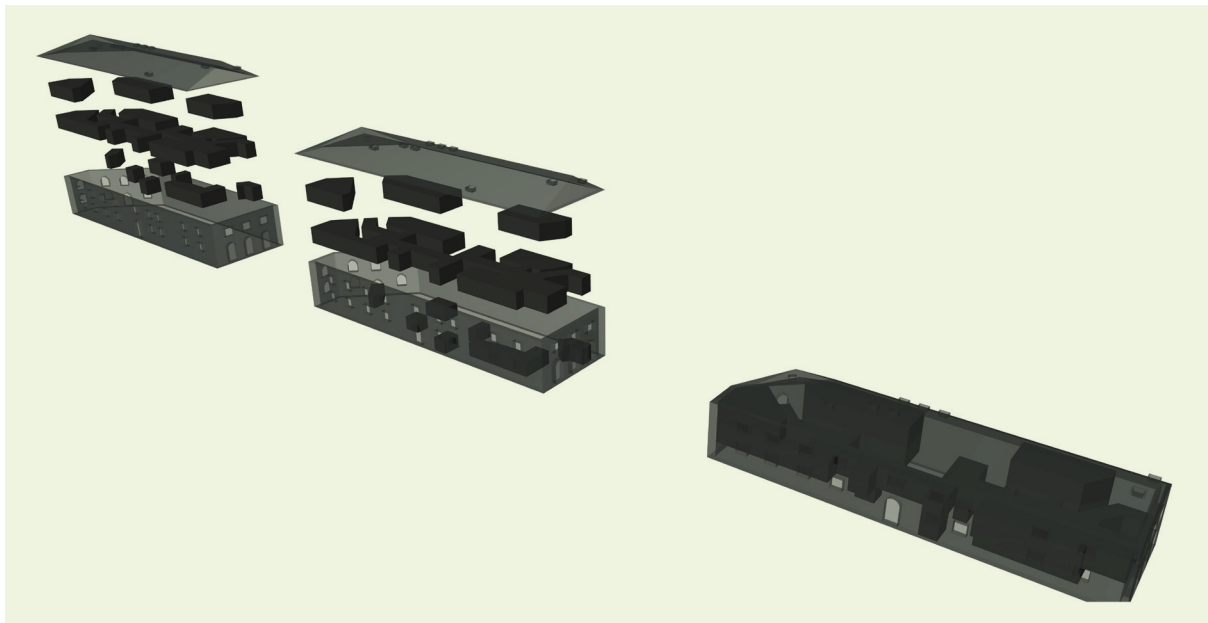


Fig. 10. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa dos Cubos

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

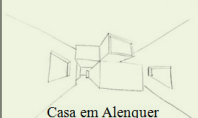
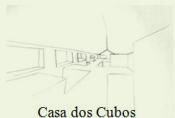
GRUPO 1 DESDOBRAMENTO	 Casa em Alenquer	 Casa dos Cubos
PRÉ-EXISTENTE	- Ruínas - Transparência	- Volume contido - Geometria
NOVO	- Forma ortogonal - Vai ao encontro com o pré-existente visualmente	- Estrutura anatômica - Vai ao encontro com o pré-existente de forma física
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	- Jogos de luz e sombra - Afastamento mantendo o diálogo através dos vãos	- Comunicação através dos vãos - Espécie de pele

Fig. 11. Tabela de estudo grupo 1

Fonte: Soraia Rodrigues

O novo corpo adicionado na Casa em Alenquer apresenta uma forma ortogonal de dois pisos que vai ao encontro com a pré-existência através dos vãos, isto é, tanto o pré-existente como o novo corpo têm na sua constituição vãos, sendo que os primeiros só apresentam aberturas e dispensam qualquer tipo de vidro e caixilharia, enquanto os segundos apresentam vidros com a respectiva caixilharia. O diálogo entre os dois corpos acontece, deste modo, através dos vãos. Note-se que a orientação das aberturas do novo

corpo adicionado vai ao encontro das aberturas do pré-existente criando assim um jogo de luz e sombras.

O novo corpo adicionado na Casa dos Cubos apresenta uma estrutura anatômica que vai ao encontro do pré-existente através dos vãos, comunicando fisicamente; ao invés do que sucede na Casa em Alenquer, na qual estes comunicam visualmente, na medida em que o novo e o pré-existente se tocam. O pré-existente aqui desempenha o papel de uma "pele" que protege o seu interior; o novo corpo adicionado percorre o interior do pré-existente livremente indo ao encontro dos vãos quando necessário, tendo como limites a área de construção, mas já não uma "dependência" do pré-existente para o seu desenho.

No diálogo destas duas obras, percebemos que há uma preocupação por parte dos arquitectos não só em relação à utilização e recuperação do pré-existente, mas também no que toca aos jogos de luz. Neste caso de estudo, os limites do pré-existente são utilizados para desenvolver o novo corpo adicionado, o qual é trabalhado enquanto espaço-limite. Estamos perante um caso em que só observamos reabilitação no limite construído, pois em ambas as obras nenhuma das paredes da pré-existência é utilizada como

sendo parede da casa, dado que o pré-existente neste caso funciona como uma parede-limite.

No diálogo entre o novo e o pré-existente podemos observar que estamos perante uma obra dentro de uma obra. O novo corpo adicionado ao pré-existente torná-los-á inseparáveis, originando uma fusão de duas linguagens arquitectónicas. Com esta ligação/diálogo, ficará definido que uma parte seja lida através da outra.

5. SINTETIZAÇÃO

A memória como acto de vontade deliberado projecta-nos decididamente na corrente da história, para lá das grillhetas, das certezas presumidas e das triviais amarras do presente. Através da memória o futuro torna-se possível, um futuro que o passado não consegue, e o presente não se atreve, a pensar. (Baptista, 2007, p.8)

O grupo 2 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa do Conto dos Pedra Líquida e Casa das Janelas Verdes do Arq. Pedro Domingues.

Nos esquemas apresentados podemos fazer uma análise do pré-existente (cor cinza) e o novo elemento adicionado (cor preta).

Na Casa do Conto temos como pré-existente (Fig.12.) as paredes de uma casa tipicamente burguesa, respectivos vãos, os quais foram mantidos e restaurados; o seu interior apresenta-se num estado devoluto. Por sua vez, temos como novo corpo adicionado (Fig.13.) um paralelepípedo que é subdividido em vários tamanhos consoante o seu uso/função e é constituído por cinco pisos.

Na Casa das Janelas Verdes temos como pré-existente (Fig.14.) uma casa destinada a habitação da qual não houve aproveitamento do seu interior, ficando da mesma somente as paredes exteriores e a cobertura. Temos como novo corpo adicionado (Fig.15.) um paralelepípedo que é subdividido em vários tamanhos consoante o seu uso/função e é constituído por quatro pisos.

Na Casa do Conto os únicos elementos aproveitados e recuperados do pré-existente foram as paredes exteriores, que apresentam uma grande espessura, e os seus respectivos vãos. O novo corpo adicionado em forma paralelepipedal de várias dimensões consoante o uso/função vai ao encontro daquilo que é a casa Burguesa, perceptível na sua distribuição.

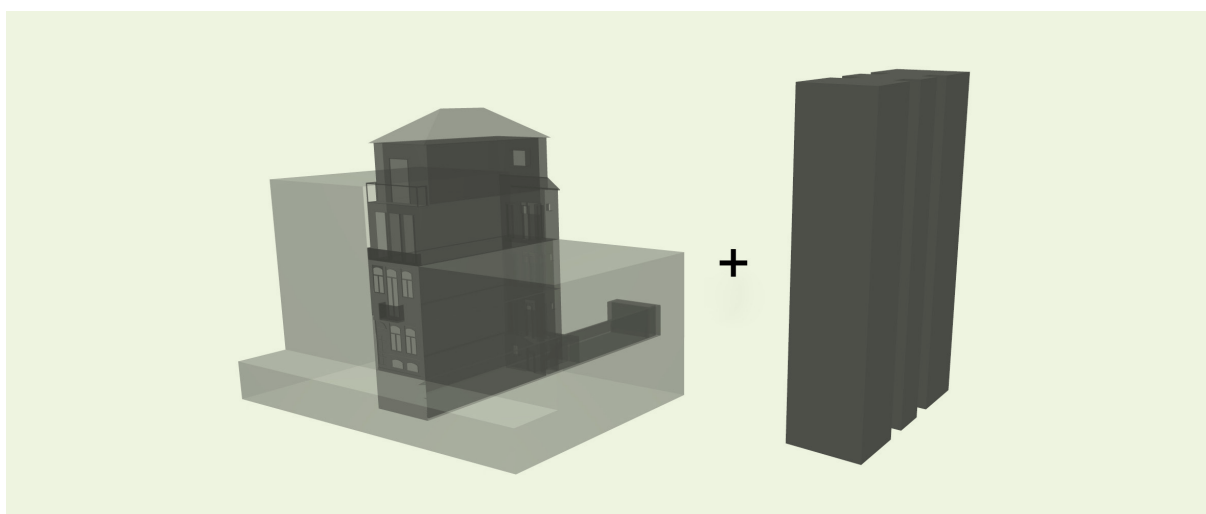


Fig. 12. Representação 3D da Casa do Conto – Pré-existente + **Fig. 13.** Representação 3D da Casa do Conto – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

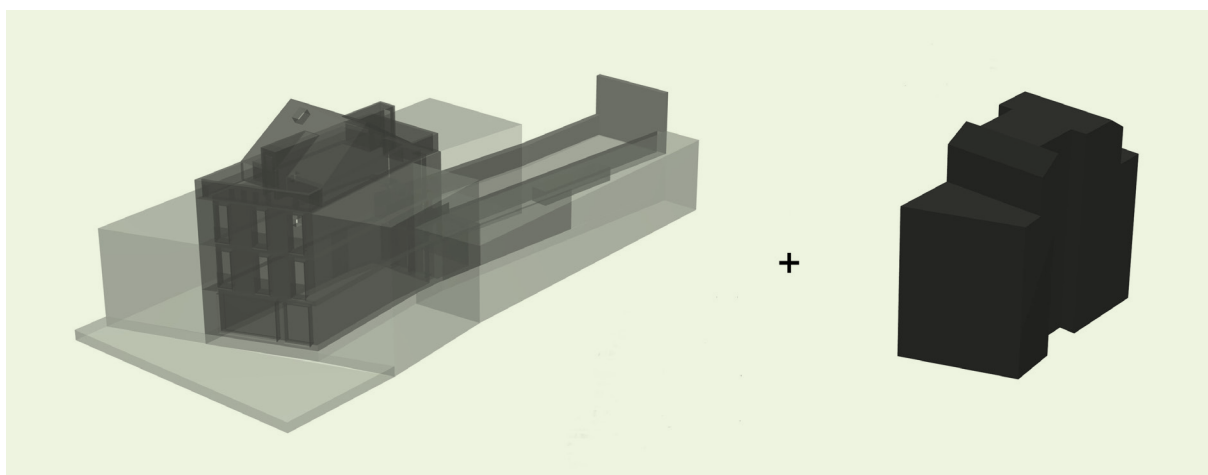


Fig. 14. Representação 3D da Casa das Janelas Verdes – Pré-existente + **Fig. 15.** Representação 3D da Casa das Janelas Verdes – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues



Fig. 16. Plantas da cave; rés-do-chão; piso 1, piso 2 e piso 3 – Casa do Conto

Fonte: Pedra Líquida. [Em linha]. Disponível em <http://pedraliquida.com/>. [acedido em Março de 2014]

Na Casa das Janelas Verdes o pré-existente foi mantido e recuperado à excepção do seu interior, que não foi aproveitado. O novo corpo adicionado de forma paralelepipedal, juntamente com o programa, é organizado no seu interior de modo a tirar o máximo partido dos vãos do pré-existente.

Em ambos o pré-existente é trabalhado como um limite sendo que toda a sua área é aproveitada e trabalhada. O novo corpo adicionado foi encaixado nos limites do pré-existente, observando-se que o novo vive nas fachadas do pré-existente já recuperadas.



Fig. 17. Corte transversal – Casa do Conto

Fonte: Pedra Líquida. [Em linha]. Disponível em <http://pedraliquida.com/>. [acedido em Março de 2014]

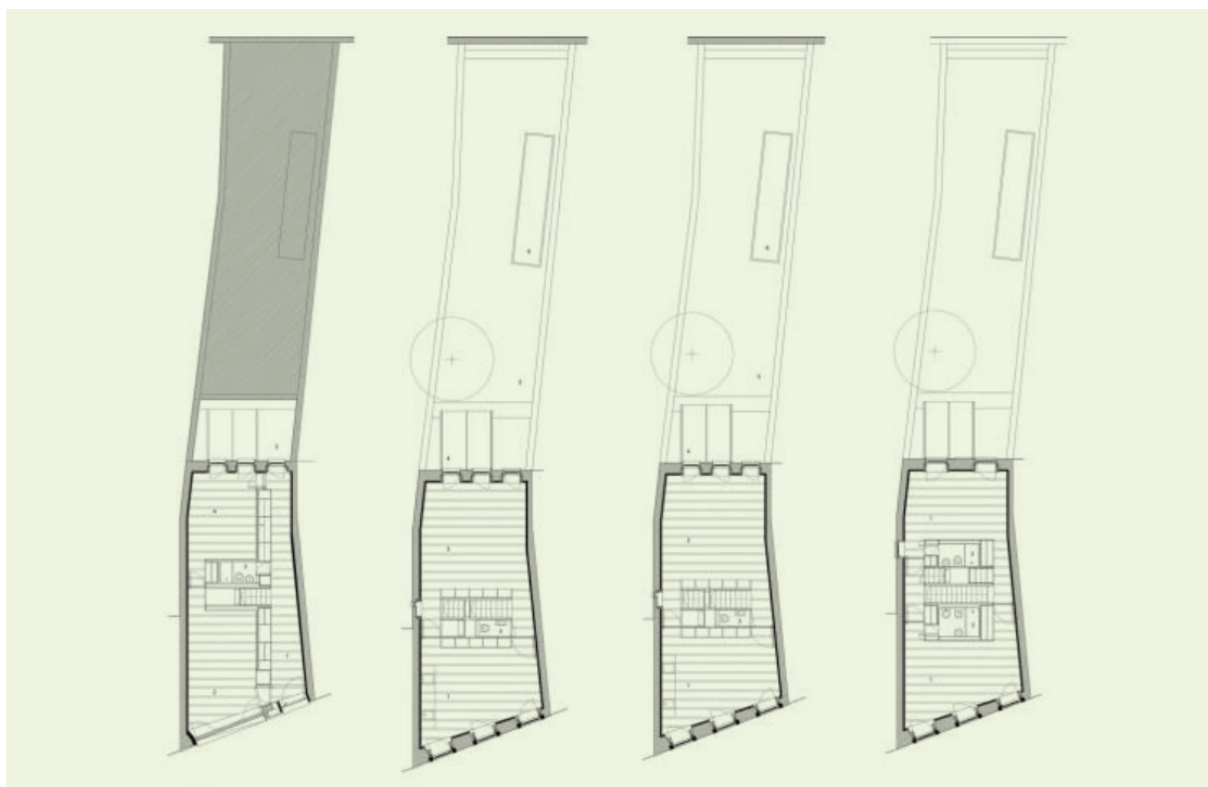


Fig. 18. Plantas da cave; rés-do-chão; piso 1, piso 2 e piso 3 – Casa das Janelas Verdes

Fonte: House at Janelas Verdes (2009). [Em linha]. Disponível em <https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/>. [acedido em Março de 2014]

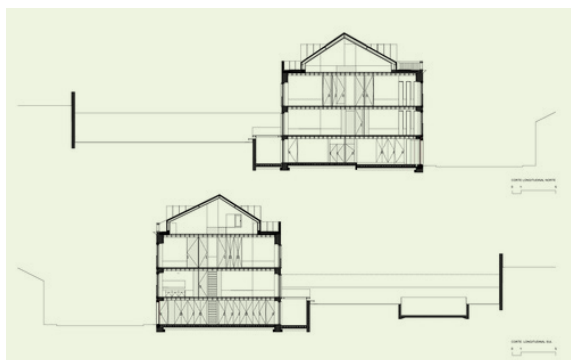


Fig. 19. Cortes transversais – Casa das Janelas Verdes

Fonte: House at Janelas Verdes (2009). (Em linha). Disponível em <https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/>. (acedido em Março de 2014)

Na Casa do Conto a orientação do acesso vertical foi mantida, sendo ela central e tendo uma clarabóia que ilumina todo a zona de circulação. A nível de programa, houve algumas alterações em relação ao pré-existente. No rés-do-chão o antigo espaço destinado ao escritório foi adaptado para a recepção do hotel e, no outro extremo, onde seria a antiga sala de refeições, erigiram-se a sala de estar e uma biblioteca. A nova sala de refeições e zona de confeção desceu ao piso da cave, que outrora fora destinada à cozi-

nha. Os restantes pisos ficariam assim reservados às áreas íntimas, constituindo estas seis quartos com configurações e dimensões diferentes consoante o espaço pré-existente e a sua localização em relação com as fachadas. O desenho dos quartos tem uma certa particularidade em virtude de as instalações sanitárias serem desenvolvidas dentro de um bloco de betão cujos tectos apresentam frases gravadas no betão. O desenho das instalações sanitárias nos pisos dos quartos foi uma adaptação para o novo programa, pois a pré-existência não respondia ao mesmo desenho.

Na Casa das Janelas Verdes a fachada principal sofreu alterações, visto o novo programa ser destinado somente a habitação. Por conseguinte, no piso rés-do-chão foi necessário colocar um portão para o acesso à garagem. O novo corpo adicionado está organizado por um bloco central que alberga o acesso vertical, as instalações sanitárias e os arrumos, tendo assim como espaço resultante áreas livres destinadas para o programa previsto. Desta forma, a distribuição do programa torna-se muito simples, sendo a estratégia desenhar um espaço flexível de usos, usufruindo assim da iluminação através do pré-existente. O interior é prolongado para o exterior através de um passadiço a nível do primeiro piso.

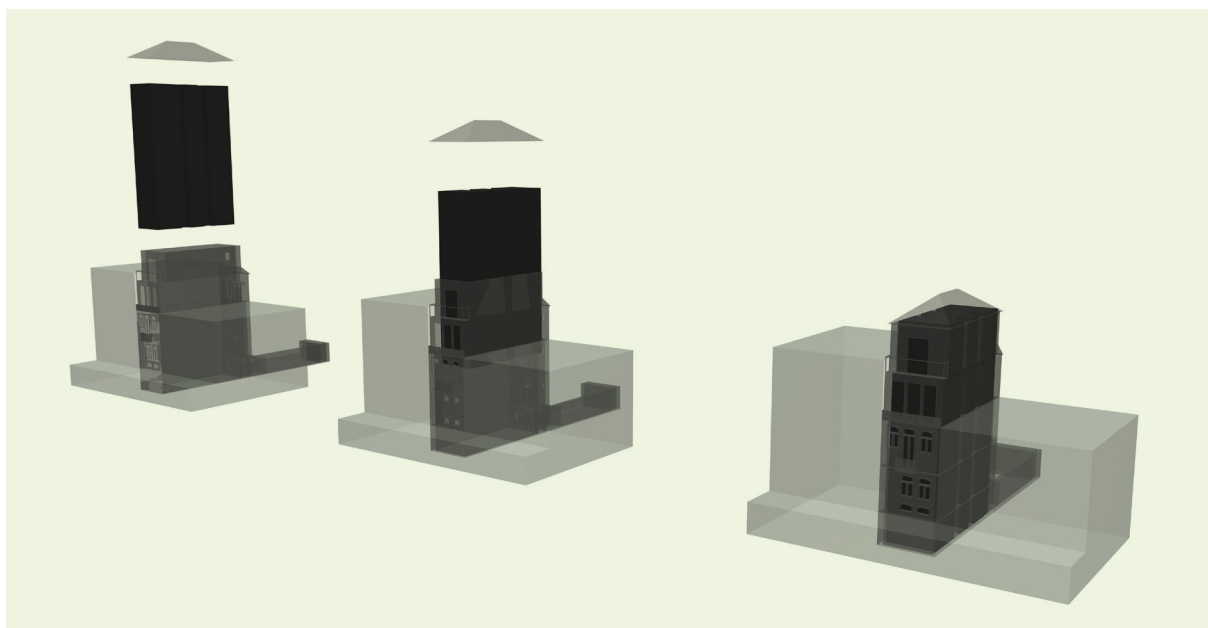


Fig. 20. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa do Conto

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

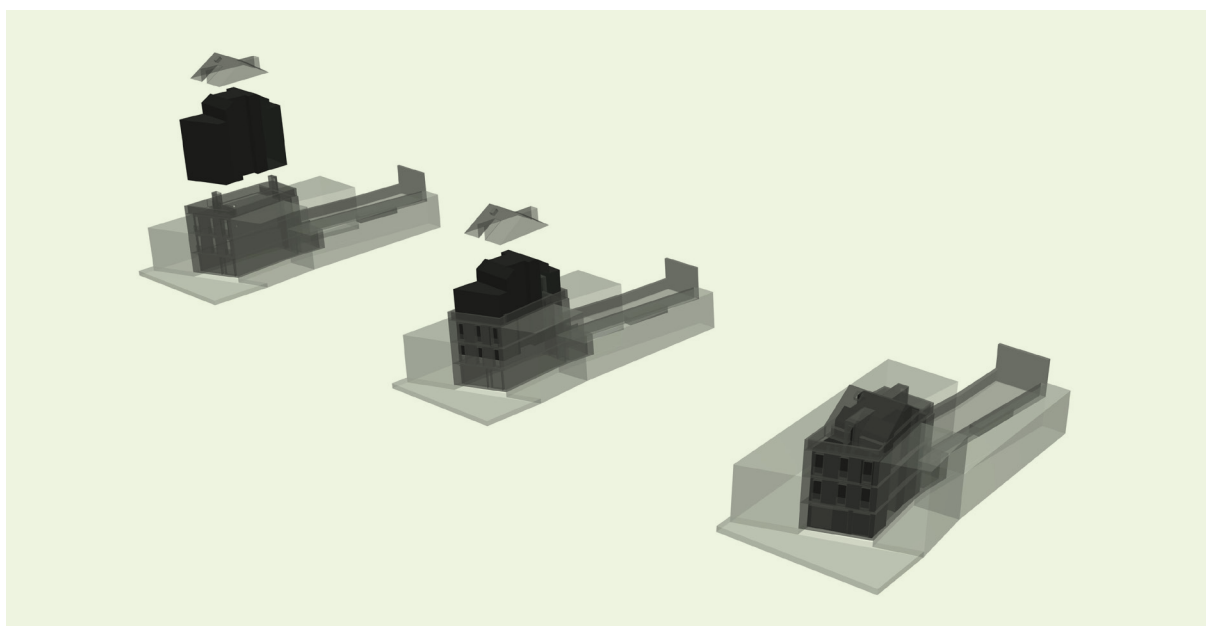


Fig. 21. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa das Janelas Verdes

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

Em ambos o ponto de partida foi tirar o máximo partido do pré-existente, aceitando as limitações e capacidades do espaço existente, criando comodidades que a casa não possuía. O programa foi adaptado ao pré-existente e, de certa forma, o novo corpo adicionado cingiu-se aos limites do pré-existente, pois ficou contido no seu interior ocupando toda a área livre.

Em ambas as obras o pré-existente é mantido e restaurado, embora pontualmente sofra alterações que não alteram a sua “imagem”, mostrando claramente o pré-existente como uma condicionante nos projectos, pois o novo corpo adicionado é contido no pré-existente. Assim sendo, os espaços desenhados com a presença do pré-existente condicionam o desenho dos projectos, isto é, o desenho do novo corpo adicionado é ajustado ao pré-existente.

Neste tipo de intervenção observamos uma continuidade e preocupação com o que vem de trás: para além de o pré-existente ser mantido, este tem uma continuidade no seu uso/função e as alterações feitas relativamente ao programa que exigiram alterações nas fachadas não comprometeram a sua forma original. Apesar de ter sido valorizado o pré-existente, o seu interior não foi mantido.

Como podemos observar nos esquemas apresentados, em ambos os casos (Fig.20. e Fig.21.), o novo corpo adicionado tem uma relação directa com o pré-existente, uma vez que todo o interior é preenchido tirando o máximo partido de toda a área disponível e respeitando os limites impostos pelo pré-existente.



GRUPO 2 Síntetização		
	Casa do Conto	Casa das janelas verdes
PRÉ-EXISTENTE	- Fachada - Ruína	- Geometria - Continuidade da imagem de rua
NOVO	- Volume contido - Mantém identidade	- Volume contido - Flexibilidade de uso
DÍALOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	- Relação directa - Programa e fachada comunicam entre si	- Ocupação do espaço - Prolongação do interior para o exterior

Fig. 22. Tabela de estudo Grupo 2

Fonte: Soraia Rodrigues

Quando analisamos o pré-existente da Casa do Conto observamos que se encontrava num estado degradado dado ao incêndio, tendo-se assim, como ponto de partida para esta reabilitação, as fachadas principais da casa e seus vãos. Na Casa das Janelas Verdes a pré-existência é-nos apresentada através de um lote, tendo todas as fachadas intactas e respectiva cobertura, e a geometria dos vãos apresenta um jogo interessante no seu conjunto.

O novo corpo adicionado na Casa do Conto apresenta uma forma paralelepipedal de cinco pisos que tem uma relação directa com o pré-existente, isto é, o novo corpo foi encaixado no limite do pré-existente e vive nas fachadas reabilitadas, e a adição do novo corpo não alterou a sua composição formal.

Na casa das Janelas Verdes o novo corpo adicionado apresenta uma flexibilidade de usos, sendo que existe um bloco central que alberga o essencial para o funcionamento da habitação deixando livres os espaços junto às janelas.

Em ambas as obras o novo encontra-se absorvido pelo pré-existente mantendo a sua identidade. O diálogo entre os dois corpos acontece através das fachadas, onde existe uma relação directa, ou seja, o programa e a fachada comunicam entre si no sentido em que a casa vive na fachada já recuperada, sendo ela aqui um limite de delimitação.

O pré-existente foi mantido e recuperado, não tendo sido aproveitado o miolo em ambas as obras. A conexão entre este e o novo corpo adicionado é restabelecida de modo a voltar a formar uma única entidade, anulando assim uma ideia de imagem fragmentada entre o pré-existente e o novo. Estes dois corpos comunicam entre si, no sentido em que o novo é acolhido pelo pré-existente, sendo este claramente respeitado nos seus limites e potencialidades. Estas duas linguagens respeitam-se mutuamente, isto é, o novo potencia o valor do pré-existente e o pré-existente dá todas as dicas para potenciar o valor do novo.

Neste caso de estudo o pré-existente faz parte da intervenção, não se impõe perante o programa que é adicionado, os dois corpos fundem-se num só atingindo um equilíbrio para o seu convívio.

O programa em ambos ocupa o espaço interior do pré-existente, mas o mesmo não se cinge a desenvolver dentro dessas quatro paredes, pois prolonga-se para o exterior, o que se manifesta num espaço tratado que permite que o programa se desenvolva e se estenda também para exterior tirando partido de todo o espaço delimitado pelo pré-existente.

6. REINTERPRETAÇÃO

Aceitar a dimensão temporal da arquitectura, tanto no uso como na prática projectual, significa reconhecer o inevitável processo de mudança através do tempo... (Gracia, 1992, p.178).

O grupo 3 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa do Moinho do Arq. José Gigante, Casa das Marinheiras do Arq. Viana de Lima e Casa Van Middelen do Arq. Siza Vieira.

Nos esquemas apresentados (Fig.23., Fig.24., Fig.25. e Fig.26.), podemos fazer uma análise do pré-existente (cor cinza) e o novo elemento adicionado (cor preta).

Na Casa do Moinho temos como pré-existente (Fig.23.) as paredes em pedra de um moinho e os seus respectivos vãos, as quais foram mantidas e restauradas. E temos um novo corpo adicionado no seu interior (Fig.24.) em forma de um cilindro constituído por dois pisos.

Na Casa das Marinheiras temos como pré-existente (Fig.25.) um moinho de vento, as suas paredes e respectivos vãos que foram restaurados. Temos como novo corpo adicionado (Fig.26.) um paralelepípedo que se subdivide em várias secções e é constituído por dois pisos.

Na Casa Van Middelen temos como pré-existente (Fig.27.) três volumes os quais têm uso/função próprio que foram mantidos e restaurados. E temos como novo corpo adicionado (Fig.28.) um volume em forma de "L" constituído por um piso.

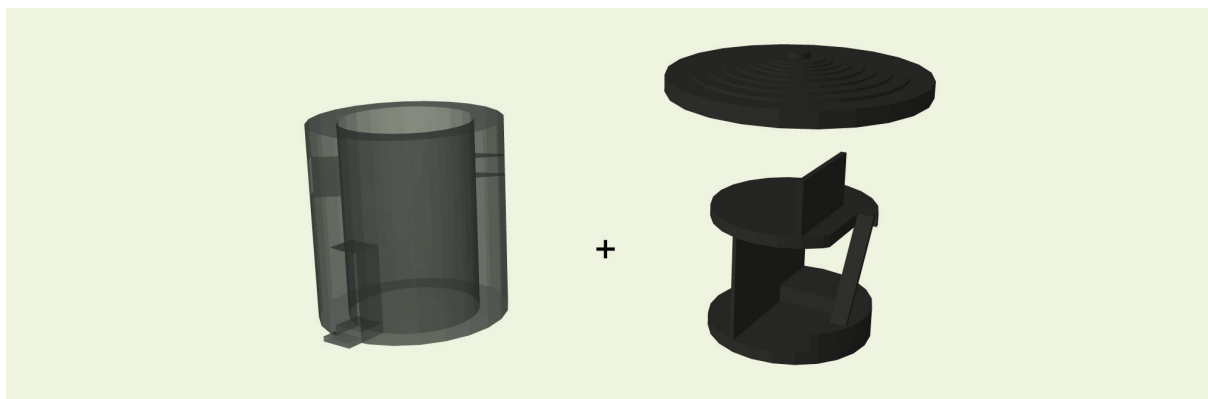


Fig. 23. Representação 3D da Casa do Moinho – Pré-existente + **Fig. 24.** Representação 3D da Casa do Moinho – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

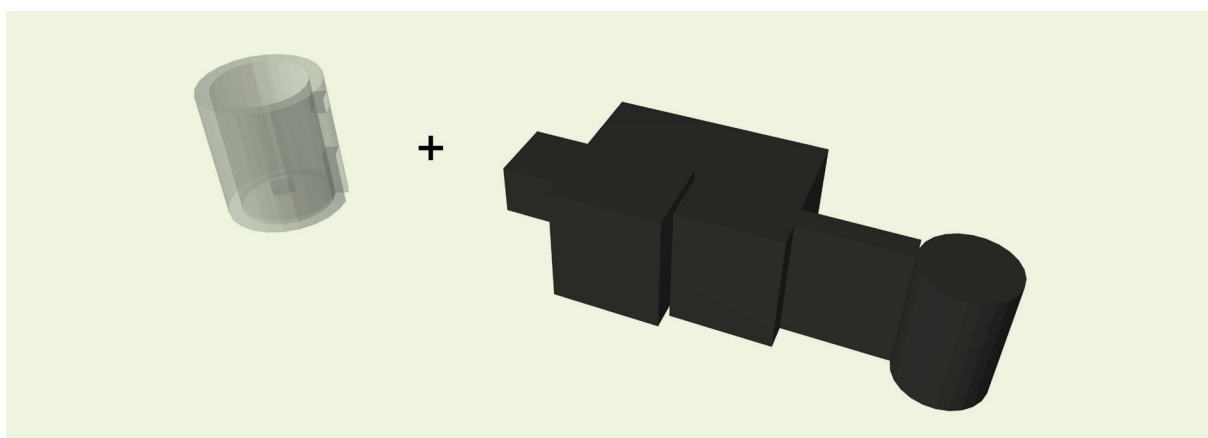


Fig. 25. Representação 3D da Casa das Marinheiras – Pré-existente + **Fig. 26.** Representação 3D da Casa das Marinheiras – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

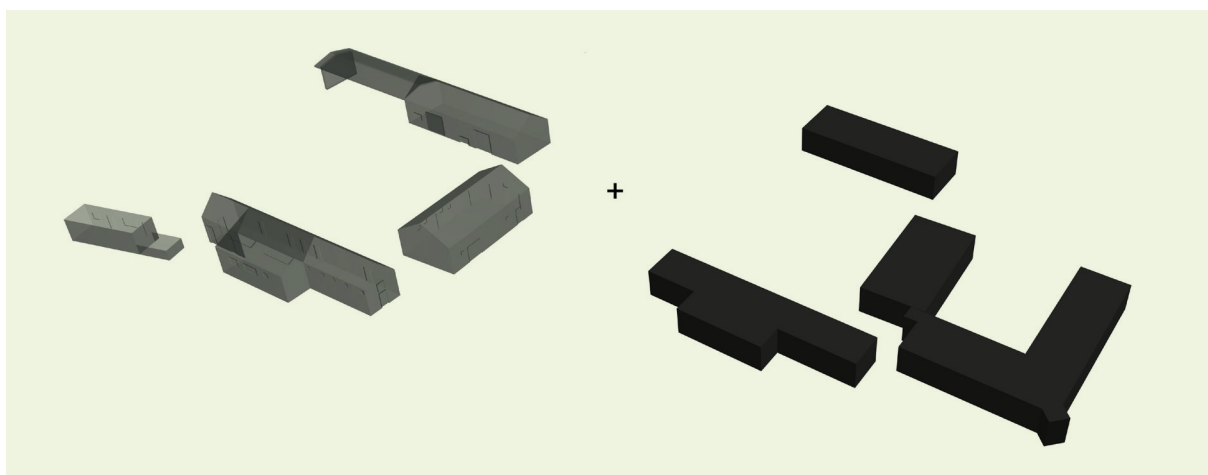


Fig. 27. Representação 3D da Casa Van Middelen – Pré-existente + **Fig. 28.** Representação 3D da Casa Van Middelen – Novo corpo adicionado

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

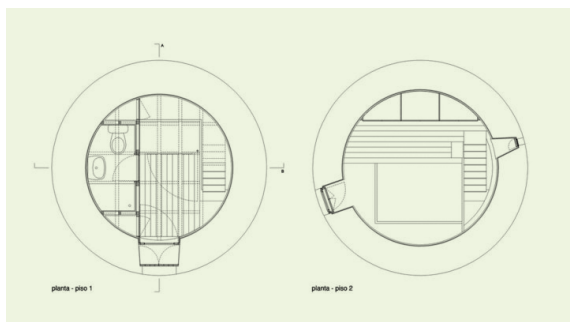


Fig. 29. Planta do piso rés-do-chão e piso 1 - Casa do Moinho.

Fonte: Gigante, J. (2011). *Arquitectos Portugueses, José Gigante*. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A.



Fig. 30. Corte transversal - Casa do Moinho.

Fonte: Gigante, J. (2011). *Arquitectos Portugueses, José Gigante*. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A.

Na Casa do Moinho o uso/função alterou-se e aconteceu um reaproveitamento dos materiais pré-existentes, a pedra e os vãos. No interior o programa muda radicalmente e observamos uma ampliação no sentido vertical, pois o moinho ganha um novo piso. Os materiais utilizados no seu interior são maioritariamente madeira e os vãos do moinho são camuflados com a sua envolvente dado à cor e textura escolhidas.

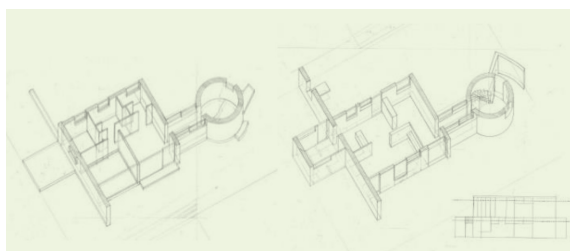


Fig. 31. Plantas em perspectiva do piso 1 e piso 2 - Casa das Marinheiras

Fonte: Lima, V. de (2011). *Arquitectos Portugueses, Viana de Lima*. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A.

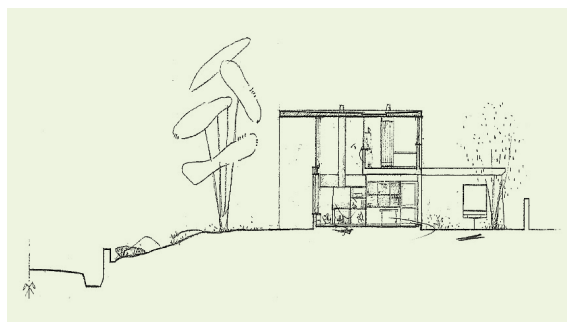


Fig. 32. Corte transversal - Casa das Marinheiras

Fonte: Lima, V. de (2011). *Arquitectos Portugueses, Viana de Lima*. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A.

Na Casa das Marinheiras acontece, de igual modo, uma alteração de uso/função e uma ampliação, na qual o moinho se encontra completamente absorvido pelo novo projecto. São feitas algumas alterações na pré-existência, porque os limites da mesma não são respeitados e sofrem uma ampliação. Aqui a pré-existência, o moinho, é o embrião da habitação, é o elemento de arranque para o desenvolvimento do projecto, não é uma barreira para o projecto. O elemento de ligação entre o pré-existente e o novo acontece através do desenho de um volume paralelepípedo, que funciona como elemento de transição e de equilíbrio entre o moinho e o novo volume, e os vãos vão ao encontro de toda a geometria desenhada para a habitação.

Na Casa Van Middelen acontece um pouco como na Casa das Marinheiras, visto que o uso/função é alterado, a pré-existência é mantida e sofre um aumento, sendo que, neste caso, o novo volume acrescentado à pré-existência tem o cuidado de ter grande proximidade com a sua envolvente, tanto a nível de altimetrias como a nível da geometria e materiais. A unidade criada pelo conjunto do novo com o pré-existente é formada pelas cores cromáticas, que se exprime pela cor do zinco e da madeira de cedro. Por sua vez, o desenho dos novos volumes distingue-se da pré-existência pelos detalhes escolhidos. É notória a presença do novo em relação ao pré-existente, na medida em que os vãos são mais arrojados relativamente ao pré-existente, mas apresentam uma camuflagem na leitura do todo dado à geometria escolhida.



Fig. 33. Planta do piso ré-sdo-chão – Casa Van Middelen

Fonte: El Croquis (2000). [Em linha]. Disponível em <https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/>. [acedido em Março de 2014]



Fig. 34. Corte-Alçado – Casa Van Middelen.

Fonte: El Croquis (2000). [Em linha]. Disponível em <https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/>. [acedido em Março de 2014]

O uso/função do pré-existente é completamente posto de lado e os próprios limites não são respeitados. Nestas três obras o pré-existente é mantido e restaurado, sofrendo ampliações que alteram a sua “imagem de origem”, não resultando este como uma condicionante dos projectos. Assim sendo os espaços desenhados com a presença do pré-existente condicionam o desenho dos casos de estudo do grupo 3 mas não pelo limite, não são uma barreira para a

organização do programa, excepto na casa do moinho em que a pré-existência é claramente respeitada, sofrendo alterações no seu interior.

Na Casa do Moinho através do pré-existente não é transmitido o que acontece no interior. O pré-existente oferecia as dimensões necessárias para satisfazer e responder ao novo programa complementar à habitação já existente naquele terreno. Nesta obra assistimos a uma ampliação no seu interior: enquanto o Moinho se cingia a um único piso para o seu uso/função, o Arquitecto, para conseguir responder ao programa, teve que proceder a uma ampliação dentro do pré-existente, passando o antigo Moinho a ser constituído por dois pisos, não alterando assim a sua forma inicial.

Na Casa das Marinheiras a ampliação acontece para lá do pré-existente. É introduzido um novo volume pelo facto de

o pré-existente não conseguir albergar o novo programa. O novo corpo adicionado comunica com o pré-existente, tocam-se, existe uma ligação funcional que se manifesta através de um paralelepípedo, a existência desta ligação é a razão para a criação do novo corpo. Os materiais marcam a diferença entre os dois corpos, sendo o pré-existente constituído pela rugosidade da pedra e o novo por paredes lisas a cor branca e apontamentos a cor azul e vermelha.

Na Casa Van Middelen o novo volume adicionado comunica com o pré-existente, isto é, existe uma ligação funcional entre os dois corpos do qual este conjunto de volumes transmite uma grande proximidade a nível de altimetrias, cores e proporções. Foi claro que a matéria do pré-existente actuou como pano de fundo para o estudo do novo corpo adicionado. O pormenor contemporâneo promove a ligação e ao mesmo tempo a ruptura entre os dois corpos, o pré-existente e o novo. O novo corpo adicionado apresenta na sua constituição paredes em madeira e cobertura em zinco, enquanto o pré-existente apresenta paredes em tijolo e cobertura em telha. Apesar da opção por escolha de materiais diferentes, tal facto não compromete a unidade arquitectónica do conjunto.

Na Casa do Moinho a área apresentada não era suficiente para responder ao programa, sofrendo assim uma ampliação. O novo corpo é constituído por dois pisos, ganhando assim o pré-existente área no seu interior, não tendo de,

no entanto, sofrer alterações, mantendo a sua "imagem de origem". Na leitura do conjunto o Moinho continua a ler-se como um simples Moinho, só no seu interior é que acontece a ampliação (Fig.35.).

Na Casa das Marinheiras na leitura do conjunto, o novo corpo adicionado não se assume como uma unidade única e independente, podemos interpretá-lo como um prolongamento do pré-existente que faz parte dele (Fig.36.). O pré-existente impõe-se perante o novo volume adicionado, proporcionando uma leitura contínua dos dois corpos, pois estes encontram-se ligados, mas não deixa dúvidas ao assumir uma estética contemporânea que a distingue facilmente do existente. Embora exista um contraste visual entre ambas, o resultado final resulta num equilíbrio entre o pré-existente e o novo corpo adicionado.

Na Casa Van Middelen o novo corpo adicionado agarrou-se ao pré-existente, os dois corpos comunicam entre si e a distribuição do programa flui dessa união. Os volumes aproximam-se na leitura do seu conjunto tanto pela forma como pela escala, inclusive a nível dos materiais escolhidos, não sendo assim de leitura directa o limite onde acaba o pré-existente e o novo. O papel do novo corpo adicionado tem como função dar continuidade ao programa proposto, não sendo este uma dissonância no seu conjunto (Fig.37.).

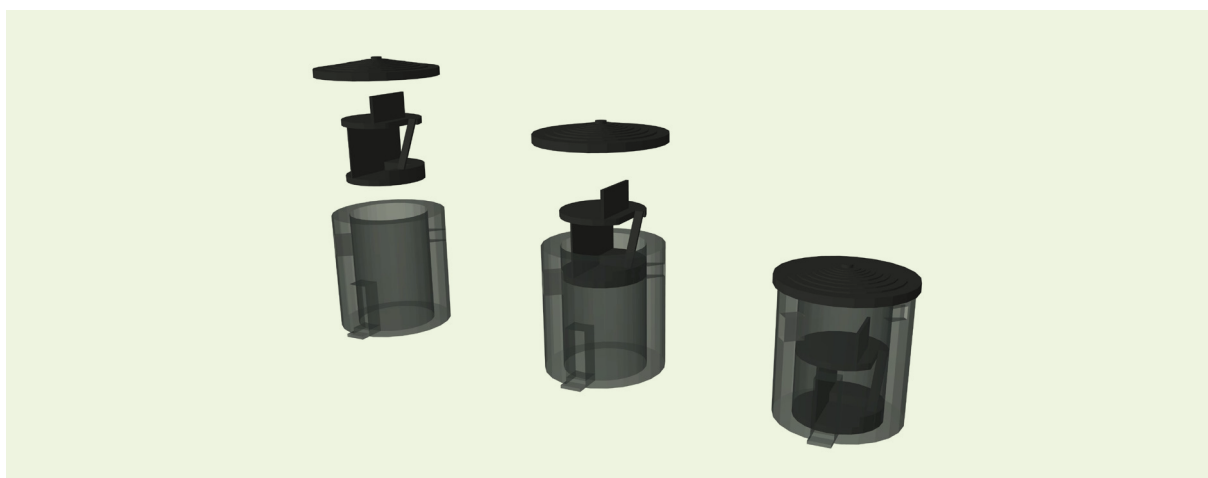


Fig. 35. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa do Moinho

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

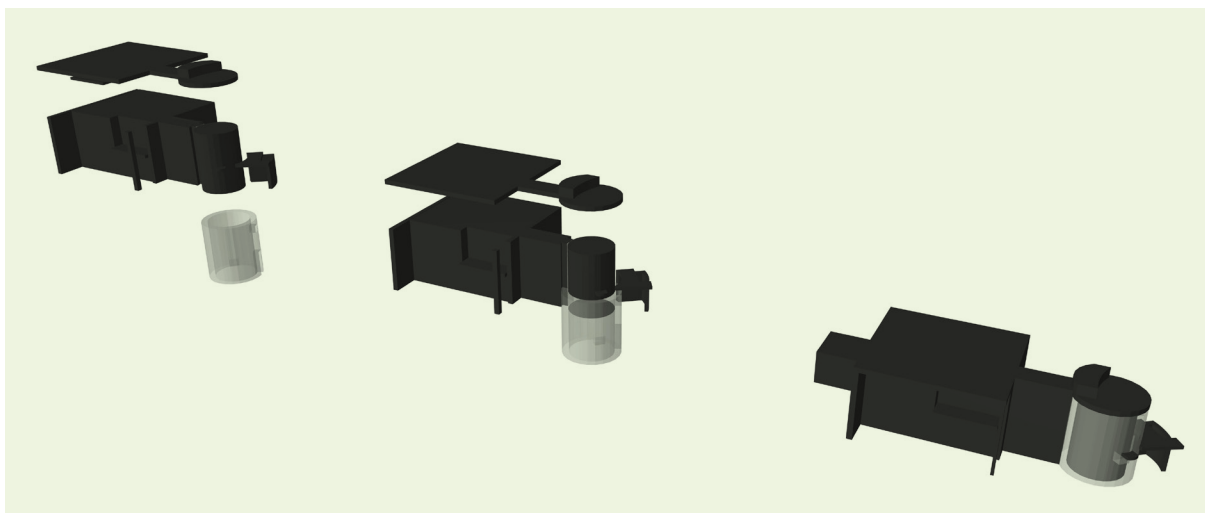


Fig. 36. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa das Marinheiras

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

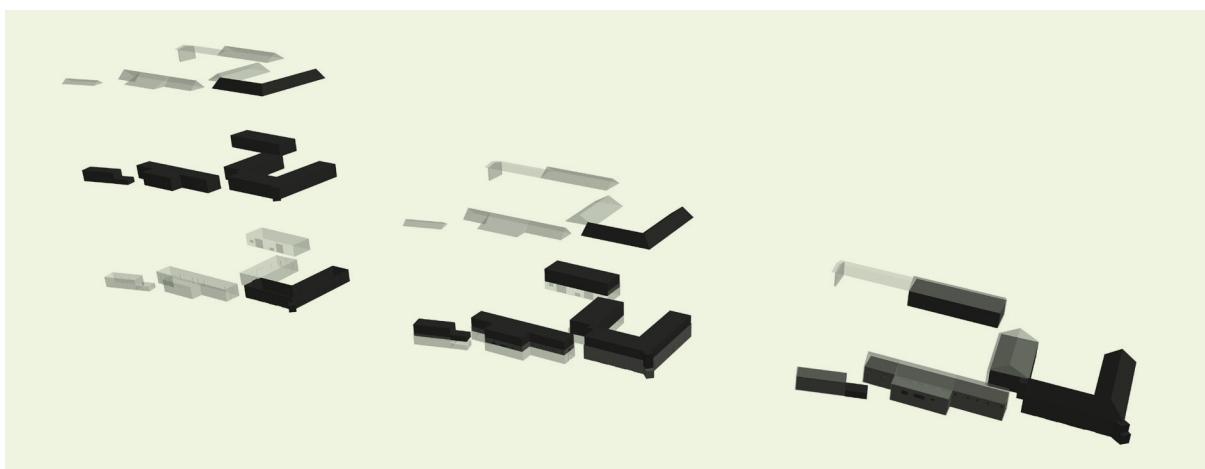


Fig. 37. Representação 3D da sequência entre o novo e o pré-existente – Casa Van Middelen

Fonte: Desenho de Soraia Rodrigues

Os arquitectos destas três obras têm como conceito aplicado tirar o máximo partido dos elementos do pré-existente, sofrendo este ampliações. Tal sucede em todas as obras, excepto na Casa do Moinho, que sofre a ampliação dentro do próprio Moinho. Neste grupo podemos perceber que o pré-existente não consegue responder ao novo programa.

Na Casa do Moinho, sendo o pré-existente inserido no mesmo terreno da habitação, serve o mesmo de complemento à habitação de modo independente. O Moinho não sofre al-

terações na sua composição formal, pois tal situação iria contra a imagem que este traduz na sua envolvência, isto é, o pré-existente integra-se na sua envolvente como se se tratasse de uma camuflagem. No entanto, para conseguir responder ao programa, foi necessário acontecer uma ampliação do espaço dentro do pré-existente, dentro dos seus limites, ficando assim o novo contido no pré-existente. A adição do novo corpo acontece no seu interior havendo assim uma reinterpretação do antigo Moinho que hoje exerce um uso/função diferente.




GRUPO 3 Reinterpretação	 Casa do Moinho	 Casa das Marinheiras	 Casa Van Middelen
PRÉ-EXISTENTE	- Complemento à habitação - Limitação de espaço	- Embrião - Área limitada	- Jogo de volumes - Incompleto
NOVO	- Camuflagem - Harmonia	- Geometria - Adição	- Equilíbrio - Envolvência
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	- Contido - Reinterpretação	- Contraste - Mutação	- Integração - Organização de volumes

Fig. 38. Tabela de estudo Grupo 3

Fonte: Soraia Rodrigues

Na Casa das Marinheiras encontramos como embrião do projecto o moinho. Tendo assim o pré-existente como foco e início para o desenvolvimento do programa, foi necessário adicionar um novo corpo para conseguir responder às necessidades do programa. O novo corpo adicionado aproxima-se do pré-existente através de um volume em forma de paralelepípedo e é neste momento que acontece o corredor de distribuição que, ao mesmo tempo, é o elemento de ligação entre os dois corpos. É notório que o pré-existente sofre uma alteração na sua composição formal. No seu conjunto o pré-existente encontra-se em destaque, é o corpo mais próximo, visto este ser a entrada para a habitação. Na leitura dos dois corpos a definição de limite, onde acaba e começa o outro corpo, é clara; apesar de o novo respeitar a altimetria do pré-existente e os dois dialogarem entre si, a diferença de materiais e geometria cria um contraste.

Na Casa Van Middelen temos como ponto de partida um jogo de volumes do pré-existente os quais não conseguem responder ao novo programa pretendido. Estes volumes encontram-se organizados em forma de "U" em torno de um pátio; o novo corpo adicionado acontece em forma de "L" que comunica com o pré-existente através do programa, respeitando as altimetrias e geometria do pré-existente. Da articulação entre o novo e o pré-existente nasce um lugar de encontro, o pátio, que cria uma envolvimento no seu conjunto traduzindo-se num equilíbrio entre o novo e o pré-existente. Na leitura deste conjunto percebemos que existe uma preocupação na organização dos volumes e na integração do novo ao pré-existente.

A importância do diálogo entre os dois corpos, o novo e o pré-existente, varia essencialmente com o programa, as características e especificidades de cada intervenção. Na Casa do Moinho, para o Arquitecto conseguir responder ao programa, houve uma organização do espaço, dentro dos limites do pré-existente. Já na Casa das Marinheiras e na Casa Van Middelen houve desenho do espaço, foi necessário quebrar os limites do pré-existente e adicionar novos corpos para conseguir responder ao programa. Desta soma entre o pré-existente e o novo corpo adicionado nasce uma nova composição.

7. CONCLUSÃO

Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se transforma para se adaptar à realidade e para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura moderna. (COSTA, 2002, p.128.)

Escolhido o tema da caracterização do papel da pré-existência no contexto da reabilitação e a consequente adição de novos corpos arquitectónicos, este trabalho traduz uma pesquisa que vai ao encontro da interpretação da fusão e diálogo existente entre as diferentes linguagens arquitectónicas, entre a nova arquitectura e a pré-existente. Assim sendo, terminada a discussão e discussão sobre este tema é tempo de tecer as devidas conclusões:

- > Os novos corpos adicionados dividem com a sua pré-existência a responsabilidade de concepção de fusões de diferentes linguagens, novos significados, novas configurações e ainda novas situações programáticas.
- > Da análise dos três casos de estudo verifica-se que existem várias formas de actuar perante pré-existências, assim como existem várias intervenções que resultam no seu conjunto e tipos diferentes de alteração na composição do pré-existente.

- > No diálogo entre o pré-existente e o novo estamos perante opções e variáveis de grande amplitude conceptual que são indissociáveis dos limites impostos pelo pré-existente.
- > Cada novo corpo adicionado surge como resposta a um contexto específico que inclui o pré-existente como o embrião para desenvolver o novo programa pretendido.
- > Apesar das diversas metodologias e interpretações apresentadas nas diferentes obras o objectivo deverá sempre ser o de tentar criar um ponto de equilíbrio entre a continuidade e a ruptura com o pré-existente. Assume, assim, o novo corpo adicionado uma nova etapa na vida da casa e ainda uma reinterpretação daquilo que o pré-existente já representou, já viveu no passado, reafirmando o seu novo uso/função mas mantendo a mensagem que a imponência de uma pré-existência transmite.
- > Tendo como objectivo principal das intervenções de reconstrução, reinterpretação e reconversão, a preservação do pré-existente, tenta-se ir ao encontro de critérios que existam para a compreensão da possibilidade de se poder alterar no pré-existente, o seu uso/função ou receber um acrescento alterando a sua composição formal, ou ainda se há a possibilidade de reconstruir a parte já perdida. Assim sendo, torna-se fulcral analisar a pertinência da pré-existência e também a pertinência no seu conjunto (pré-existente e novo).
- > Os novos corpos que foram adicionados surgem como resposta a um programa específico perante cada pré-existência. Desta soma resultarão inevitavelmente transformações no pré-existente, ganhando este novos contornos, valores e significados.
- > Admitindo diferentes interpretações da pré-existência e consequentes diferentes metodologias, a meta deverá ser a de alcançar uma simbiose perfeita, que pode não ser uma síntese, entre o novo corpo adicionado e o pré-existente, tendo o conhecimento à partida que o novo corpo adicionado assume um papel novo nesta vida. Acontece assim uma reinterpretação do pré-existente em que se afirma o novo programa adicionado,

não impedindo, todavia, o novo uso/função que a memória do pré-existente se encontre presente. Encontramos, deste modo, o equilíbrio entre os dois tempos.

- > Atitude de continuidade, no propósito de preservar sempre que possível e desejável a história, as memórias, os traços distintivos da pré-existência. Mas não só. Incumbe igualmente ao arquitecto valorizar a pré-existência através dos novos corpos adicionados, ou seja, alterar se necessário a natureza/origem da pré-existência, procurando, no entanto, não ocultá-la ou distorcer a sua proveniência, mas antes fazer sobressair aquilo que ela tem de mais belo, memorável e mítico, conseguindo neste gesto proporcionar um novo abrigo.

Enquanto Arquitectos, devemos ter uma atitude de continuidade ou ruptura perante a pré-existência?

Esta é a questão com que o presente trabalho começou e que termina sem uma resposta. Não porque não seja pertinente, é pertinente e central na concepção arquitectónica, mas porque a sua resposta é, conforme se pode constatar na amostra estudada, eminentemente circunstancial: de um autor, de uma obra, de um tempo. “[...] em arquitectura não é possível normalizar, tudo são precedentes!” (Adrião e Carvalho, 2007, p.3)

BIBLIOGRAFIA (OBRAS CITADAS)

- Abreu, P. M.** (2007). *Arquitectura: Monumento e Morada. Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura UTL.
- Adrião, J. e Carvalho, R.** (2007). Aires Mateus. In: *J.A.226: Illegal*. Lisboa, Ordem dos Arquitectos.
- Baptista, L. S.** (2007). Memórias Difusas: Modernidade arquitectónica e processo histórico. In: *Arquitectura e Arte, nº45*, Lisboa, Futur Magazine.
- Bordalo, M.** (2004). *Reconversão do mosteiro de Santa Maria do Bouro em pousada da concepção à execução*. Porto: FAUP. Prova Final.

Choay, F. (2003). *Françoise Choay e o caso de Lisboa* – Courier Internacional (entrevista 01/05/2003). [Em Linha]. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/51668827/choay-lisboa>. [acedido em Maio de 2014].

Choay, F. (2008). *A alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70 Lda.

Costa, A. A. (2002). *A arte de construir a transformação*. Lisboa, Estudos Património.

Gracia, F. (1992). *Construir en lo construído: la arquitectura como Modificación*. Madrid, Editorial Nerea SA.

Heidegger, M. (1954). *Construir, Habitar, Pensar*. (1951) Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmastad". Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen.

Jordão, P. (2009). *Arquivo Digital revista NU*. [Em Linha]. Disponível em <http://arquivonu.blogspot.pt/2009/08/02-lugares.html> [acedido em Maio de 2014].

Jorge, J. D. G. (2007). *Lugares em teoria*. Lisboa, Caleidoscópio.

Norberg-Schulz, C. (2009). *Genius Loci–Paesaggio Ambiente, Arquitectura*. Milão, Electa.

Pinto, J. (2007). *O espaço-limite–Produção e recepção em Arquitectura*. Lisboa, ACD Editores.

Portal IPHAN [Em linha]. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. [acedido em Março de 2014].

Rasmussen, E. S. (1986). *Arquitectura Vivenciada*. São-Paulo, Martins Fontes Editora.

Rebolo, J. T. (2001). *Uma reflexão sobre "Arquitecturas Acrescentadas"*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa. Departamento de Arquitectura. Lisboa, UL.

NOTAS

1. Memória refere-se neste contexto à faculdade através da qual o indivíduo é capaz de preservar ideias, conservar experiências do passado, manifestando-se através de alguns apontamentos.
2. Elemento físico, visível.
3. Termo latino que se refere ao "espírito do lugar". Tornou-se uma expressão adoptada pela teoria da arquitectura para definir a interacção entre lugar e identidade.
4. A continuidade entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura é marcada por elementos que a distinguem e que façam com que sejam feitas duas leituras distintas, percebendo onde começa uma e acaba a outra.
5. Esforço para realizar esta nova integração.
6. Nova interpretação da arquitectura pré-existente.
7. Essência, neste contexto, significa que, mesmo após a sua transformação, a pré-existência mantém a sua identidade, porque os elementos que a identificam e a distinguem continuam presentes. São propriedades imutáveis.